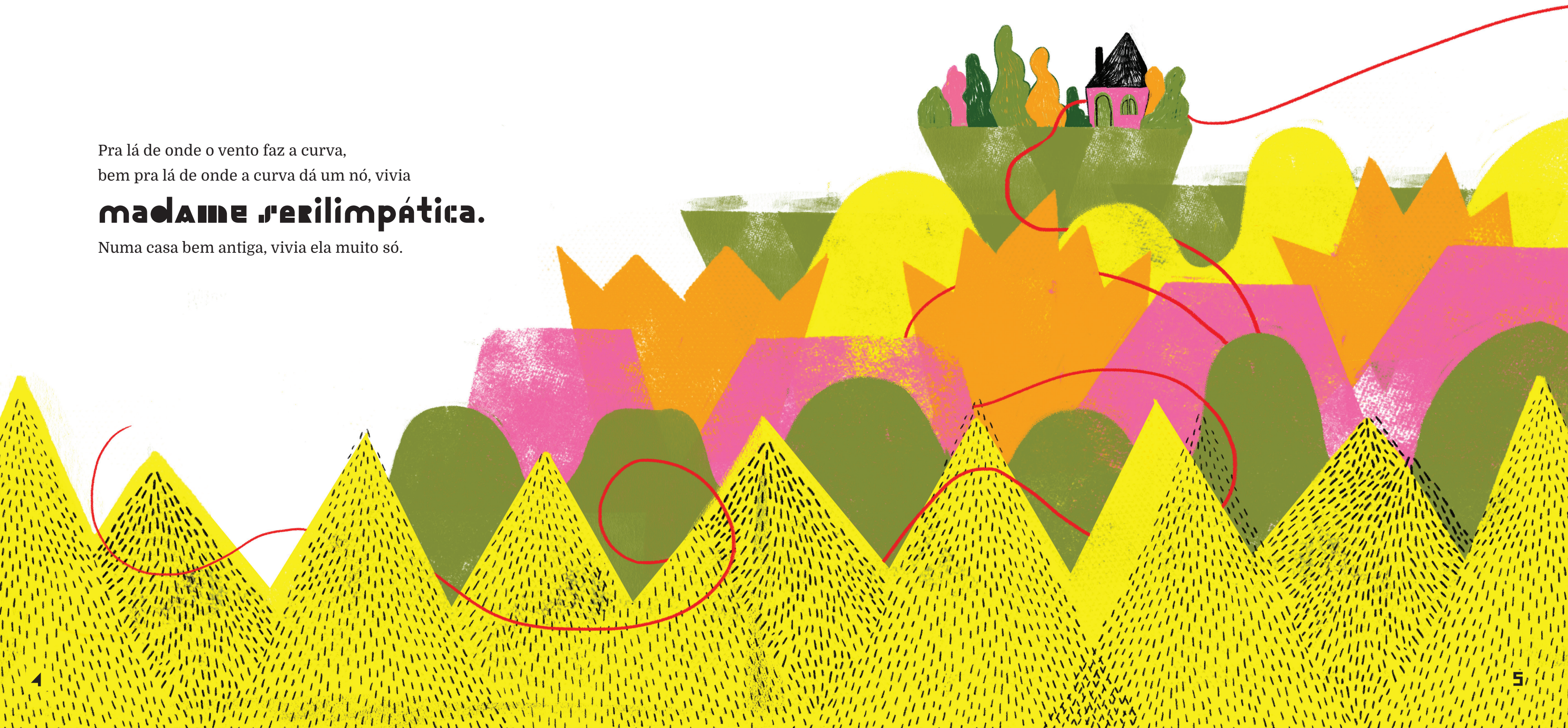


Pra lá de onde o vento faz a curva,
bem pra lá de onde a curva dá um nó, vivia

madame Serilimpática.

Numa casa bem antiga, vivia ela muito só.





“Muito só” foi pra dar rima.

Pois a madame serilimpática morava com sua

gata escaltinãutica,

que pra lá de onde Judas perdeu as botas – bem pra lá,
depois de encontrarem as meias – foi encontrada roendo
um pedaço de unha, veja só!

Junto com a gata, além da unha, um fiozinho de lã foi avistado.
Da meia foi espelincatado e na tal unha ficou engatado.

Seguindo o fio, passo a passo, indo reto toda vida,
pra lá da vida toda, de repente tinha uma curva, e no quintal
rebimbólico da madame serilimpática ele chegava, veja só!



Todo mundo agora bem localizado,
ninguém estando

desburrolado,

todo mundo bem apresentado, nada, nada,
nada mesmo encafifado, vou continuar.

Madame serilimpática e a gata escaltináutica tinham
uns costumes um bocado curiosos. Mas viviam “muito
bem, obrigada”, seguindo no maior sossego assim tão sós.
No quintal rebimbólico, passavam o dia a ler poesia.

A gata escolhia o livro, a madame fazia a leitura,
a gata miava uma rima, e estava feita a

intembura.

(Calma. Essa parte nem é a mais efistotélica
dessa história semisconfláutica.)